



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

A essência do teatro

O projeto *Atos e cenas* foi idealizado a partir da Fundação Theatro São Pedro e o IEACEN - Instituto de Artes Cênicas, através da Sedac, após as enchentes, concretizando-se no edital 03/2024, com apoio do Sesc/RS - no sentido de abrir espaços de trabalho para grupos teatrais afetados pelos cataclismas. Ele ocorre todas as quartas feiras, com espetáculos às 19h, no Teatro Oficina Olga Reverbel, do Multipalco, que constitui parte da Fundação Theatro São Pedro.

O primeiro trabalho apresentado foi *Raiz amarga*, projeto do diretor Clóvis Massa, com a atriz Letícia Schwartz, a partir de depoimento de Reli Gizelstein Blau, avó da atriz, à USC Shoah Foundation, em setembro de 1997. Fica evidente que o espetáculo a que estamos assistindo agora, e que na verdade já cumprira pequena temporada no ano passado, recebendo o Prêmio Açorianos de teatro Adulto como Melhor espetáculo, melhor direção, melhor atriz, melhor dramaturgia e melhor cenografia, experimentou uma longa e aprofundada maturação. Mais de vinte anos...

O espaço do Olga Reverbel é ideal para este tipo de trabalho, que exige a cumplicidade do espectador que se torna participante da encenação: neste caso, cada um de nós reparte da cerimônia íntima mas universal do Pessach, por todo o indivíduo de origem judaica, celebrando a saída do cativo do Egito e a travessia do deserto, chegando à terra prometida. É uma cerimônia íntima, porque ocorre no recesso familiar, mas é universal, porque sua simbologia é universal, mesmo para os não judeus. Quem de nós não conhece aquelas passagens do Velho Testamento?

Letícia Schwartz reelaborou aqueles registros e memórias e resultou neste *Raiz amarga*, referência ao maror, conjunto de raízes amargas que são utilizadas na confecção daquela refeição e que simbolizam, evidentemente, as agruras da salvadora mas longuíssima viagem. No texto cuja dramaturgia é assinada pela atriz e o diretor, temos uma dupla narrativa, sobrepondo-se uma à outra e constituindo, ao final, uma única reflexão, que atualiza àquelas memórias, tanto as da avó, quanto as da neta: as travessias que parcelas marginalizadas das populações contemporâneas continuam enfrentando para sobreviver em meio às perseguições, preconceitos ou

simplesmente negações sobre suas existências e suas precaríssimas condições de resistência.

A encenação, de cerca de uma hora de duração, tem as figuras de Arlete Cunha, como a avó - excepcional - e a própria Letícia Schwartz - pura verdade - como intérpretes da avó e da neta. Embora o espaço básico esteja concentrado em torno da mesa/altar da cerimônia da comida, o roteiro salta para espaços diversos e tempos variados, compondo gradativamente um painel das relações entre a avó e a neta, evidenciando a importância da mais velha, não apenas quanto à herança judaica, quanto ao sentimento de justiça social que a mais nova adquire e cuja consciência a faz participar de esforços no sentido de se ultrapassarem os preconceitos e estereótipos.

Neste sentido, o espaço cênico, composto pelo próprio diretor, graças à iluminação criada por Carol Zimmer e os figurinos - criação do grupo - mais a trilha sonora de Daniel Roitman, que retoma temas tradicionais judaicos, permite que todos repartamos aquela cerimônia que anualmente é retomada pelas famílias judias, mas que aqui tem seu sentido ampliado e projetado para muito além daquele espaço. A proposta realista (no sentido de que vamos comer e beber, efetivamente, as coisas ali servidas), mas ao mesmo tempo profundamente poética, com um ritmo lento mas muito bem marcado para o desenvolvimento do espetáculo, dando tempo a que cada um introjete as experiências vividas e as referências trazidas, faz com que *Raiz amarga* se transforme num trabalho de exceção, e é mais do que justo ter sido tão destacado com as premiações do ano passado, assim como ter oportunidade de voltar à cena para ser mais visto, mais conhecido e mais valorizado. Trata-se de um espetáculo que eleva a arte teatral, porque resulta de uma referencialidade histórica e cultural eminentemente universais, um espetáculo fortemente idealizado e assim criado e, enfim, de um verdadeiro encontro entre artista e espectador que só a verdadeira arte permite.

Emocionante, tocante, fundamental, *Raiz amarga* merece mais oportunidades para ser visto e admirado. É um espetáculo que revela a essência do teatro.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Decepções e expectativas

Dois filmes dos quais muito se esperava têm sido recebidos com restrições no início de suas apresentações regulares, depois dos protocolares aplausos no Festival de Cannes. Um deles, *Megalopolis*, do veterano Francis Ford Coppola (84 anos), um projeto ambicioso sobre arquitetura, parece não corresponder a suas ambições. O cineasta, cuja trilogia sobre a máfia é um dos grandes momentos do cinema, parece não ter alcançado o que planejava e desta vez não igualando o nível de *Apocalypse Now*. De qualquer forma, um filme de Coppola gera sempre alguma esperança de um cinema que, pelo menos, se afaste da superficialidade dominante. E, além disso, também é importante olhar com alguma desconfiança manifestações críticas que nem sempre correspondem à realidade. Outro filme que tem encontrado manifestações marcadas até mesmo por insultos, que o classificam como o mais chato das últimas décadas, é *Horizon: an american saga*, também exibido em Cannes e aplaudido durante alguns minutos. Este é ainda mais ambicioso do que o de Coppola. O filme é dirigido, produzido e protagonizado por Kevin Costner e deverá ser lançado em duas partes, ambas com duas horas de projeção. O adjetivo chato nada diz além de expressar uma opinião pessoal, mas as restrições são muitas e a obra tem sido classificada como apenas o primeiro episódio de uma nada prometedora série de televisão. Numa fase em que o cinema tem sido dominado pelo infantilismo, que nada tem a ver com os indispensáveis filmes para crianças, é triste ver que obras que procuram outros caminhos são recebidas de tal forma.

Florian Zeller, nascido em Paris em 1979, é o diretor de *Meu pai* e *Um filho*. O primeiro possibilitou ao ator Anthony Hopkins receber o segundo Oscar de sua carreira. Os dois são obras notáveis, sendo o segundo marcado por um epílogo de uma dramaticidade incomum. Por enquanto não há informações sobre um novo filme do diretor, cujos primeiros trabalhos

foram no teatro parisiense. Seus filmes aqui exibidos permitem colocá-lo entre os mais importantes da atualidade, numa época em que as produções da Marvel recebem mais atenção, inclusive pela chamada crítica especializada. Zeller explora o universo familiar, algo que fica evidente nos títulos de seus filmes aqui exibidos. Seu olhar para tal cenário não restringe a amplitude do espaço explorado, pois ele sabe ver nas relações familiares os sinais que compõem um microcosmo revelador da crise de nosso tempo. Os minutos finais de *Um filho* não são apenas impactantes. Eles revelam distâncias, incompreensões e o doloroso sentimento de uma perda causada pela indiferença. Peter Vaclav, o diretor de *Il Boemo*, filme recentemente exibido na Festa do Cinema Italiano, tem sido visto por alguns como um nome a ser seguido com atenção. Seu filme sobre o compositor tcheco Josef Myslivec, que fez carreira na Itália, não chega a ser um *Amadeus*. Mas tem o mérito de colocar na tela um compositor pouco conhecido. Além disso há uma cena curiosa, que reconstitui o encontro verídico entre o protagonista e o então menino Mozart. Vaclav nasceu em Praga, em 1967 e este é seu primeiro filme internacional, pois se trata de uma coprodução com a Itália.

Atualmente com 94 anos, Clint Eastwood parece mesmo interessado, como ele já afirmou, a repetir Manoel de Oliveira. Seu novo filme, um drama de tribunal, se intitula *O segundo jurado* e descreve o que acontece depois que é revelado que um dos integrantes do júri de um julgamento é acusado de ter participação no caso. No elenco, o nome mais conhecido é o da australiana Toni Collette. Eastwood é o realizador de dois grandes momentos do cinema: *Os imperdoáveis* e *Menina de ouro*. Além disso, *As pontes de Madison*, *Um mundo perfeito*, *Gran Torino* e o díptico sobre a guerra no Pacífico, formado por *A conquista da honra* e *Cartas de Iwo Jima*, são obras notáveis de uma filmografia das mais expressivas.